



## JUVENTUDE, DROGAS, ESCOLA E SOCIABILIDADE

Luznarina da Silva Pacheco; Beatriz Silva Mourão; Dorysvanny Maria Alves da Silva;  
Vilândia Soares da Silva; Joana Elisa Röwer

*Faculdade do Baixo Parnaíba, luznarina@hotmail.com*

**Resumo:** Neste artigo desenvolvemos uma pesquisa referente a jovens usuários de drogas, considerando sua forma de “ser jovem” na sociedade, olhando detalhadamente para os fatores que influenciam e regem seu cotidiano. Com o objetivo de compreender o que é a juventude por parte de jovens usuários de drogas problematizamos o jovem com estas experiências dentro do espaço escolar. Ou seja, como podemos olhar o jovem estudante usuário de drogas? Quais os sentidos que este jovem atribui a sua situação de vida? Se a educação é formação para um futuro, como é visualizada a própria ideia de futuro para jovens em situações limítrofes da sua existência? A pesquisa foi desenvolvida por uma Pesquisa de Campo de tipo qualitativa com utilização de entrevistas gravadas de jovens usuários de drogas, jovens que deixaram o vício e jovens que nunca usaram drogas. Os principais teóricos para pensar a condição juvenil foram Juarez Dayrell (2003) e François Dubet (1994). Em vista da realidade pesquisada nos deparamos com uma juventude a mercê das drogas, sem sonhos, temida, rejeitada e sem expectativas futuras. Tais elementos negativos restringem seu tempo de vida, alienando sua jovialidade inconsciente, jogada a própria sorte. No espaço escolar a tensão entre perspectivas de futuro e sentidos do porque aprender, ao mesmo tempo em que a escola, dependendo do seu olhar, pode configurar-se como um meio de transformação. Pois, analisando os relatos dos que deixaram o vício, identifica-se o desejo de mudança oculto, que pode vir a emergir e tornar possível as transformações, resgatando sua imagem física e psicológica, assumindo sua verdadeira identidade que a princípio estava adormecida.

**Palavras-chave:** Juventude, Drogas, Escola.

### INTRODUÇÃO

Neste artigo desenvolvemos o resultado de uma pesquisa referente a *jovens usuários de drogas*, considerando sua forma de “ser jovem” na sociedade, olhando detalhadamente para os fatores que influenciam e regem seu cotidiano. A mesma foi baseada na pergunta central “O que é ser jovem” para adentrar no universo de peculiaridades dos jovens usuários de drogas, já que estes constituem um grupo que é criticamente excluído e alvo de preconceito, de julgamentos, por consumir uma droga considerada ilícita no Brasil que consequentemente coloca em risco sua própria vida e a vida dos que fazem parte do seu ambiente diário.

Com o objetivo de compreender o que é a juventude por parte de jovens usuários de drogas problematizamos o jovem com estas experiências dentro do espaço escolar. Ou seja, como podemos olhar o jovem estudante usuário de drogas? Quais os sentidos que este jovem



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

atribui a sua situação de vida? Se a educação é formação para um futuro, como é visualizada a própria ideia de futuro para jovens em situações limítrofes da sua existência?

O objetivo da educação escolar é centrado e compreendido como a condição primeira para o “exercício pleno da cidadania e o acesso aos direitos sociais, econômicos, civis e políticos” (DCN, 2013, p. 6). O educando é concebido na sua inteireza humana debruçando-se a educação sobre a sua plenitude. Nesse sentido, liberdade, dignidade, respeito e valorização das diferenças tornam-se princípios pelos quais a educação escolar deve atuar. Além disso, a educação escolar para as três etapas e as modalidades da Educação Básica, compreendida como uma ação sobre e com pessoas na sua integralidade humana passa a ter somada a ideia-força e proposta de ação de *educar* a de *cuidar*.

O discurso, o objetivo de trabalhar ou partir da realidade dos educandos é difundido em teorias, diretrizes, orientações sobre a ampla esfera da educação escolar. O projeto de educação nacional tem como concepções e visa o pleno desenvolvimento do educando (LDB, 1996) ou de desenvolvimento na sua plenitude (DCN, 2013) Assim, para gestar o pleno desenvolvimento, e o cuidado necessário com jovens nesta situação, dentro do espaço escolar, desenvolver ações de conscientização e prevenção ao uso de drogas, é necessário, primeiramente compreender o jovem por ele mesmo.

Para favorecer uma análise geral, além do relato dos usuários, consideramos também a opinião de pessoas que deixaram o vício e de pessoas que nunca fizeram uso de drogas, analisamos teorias de alguns escritores que tratam esse determinado grupo da juventude com atenção, e aprofundam conceitos para explicar como é o dilema da vida das pessoas, que se encaixam nesse grupo de jovens usuários de drogas e a sua relação com a sociedade globalizada. Os sujeitos pesquisados estão inseridos numa idade de 15 a 25 anos, que contribuíram de forma particular com detalhes de sua vida diária, deixando perceber suas reais expectativas para com a sua própria vida.

Deste modo, é percebível que a questão do uso de drogas é extremamente complexa, pois abarca diversos fatores que se fazem necessário conhecer, para se obter uma compreensão minuciosa dessa complicada teia de relações que se centraliza na substância psicoativa. A mesma possui o poder de modificar a função dos organismos vivos resultando em mudanças fisiológicas e de comportamento. Contudo, é necessário estudar a juventude para entender seus atos, estilos, modismo, particularidades, sensações, sentimentos, e dessa forma contribuir com a própria juventude e com a escolarização desses jovens, para o estabelecimento de relações mais humanas e compreensivas com a juventude.



## **METODOLOGIA**

Pesquisa de Campo de tipo qualitativa com utilização de entrevistas gravadas de jovens usuários de drogas, jovens que deixaram o vício e jovens que nunca usaram drogas, e para tanto, fez-se pesquisas sobre o índice do uso de drogas pela juventude no município pesquisado. Estas direcionaram a elaboração de perguntas contemplando todos os fatores que influenciam na estrutura da vida dos usuários de drogas. Em seguida organizou-se uma lista de pessoas conhecidas para serem entrevistadas, planejamos os dias e horários. As entrevistas foram feitas através de vídeos com a permissão concedida dos mesmos após uma explicação clara de como se daria o processo da pesquisa, também garantindo completa descrição de sua identidade. Ao coletarmos os dados dos objetos de estudo, assistimos atentamente cada vídeo a fim de identificar as particularidades que ficam nas entre linhas, e dessa forma construir um diálogo descritivo para chegar ao objetivo central da nossa pesquisa *o que é ser jovem para os usuários de drogas*. Contudo, estruturamos o artigo a partir do resultado percebido nos dados coletados e concluímos com os objetivos alcançados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Atualmente, a juventude é um tema que vem ganhando espaço nos últimos anos, tanto na mídia quanto nos programas e produtos a eles destinados, ganham destaque principalmente nos noticiários relacionados aos “problemas sociais”, e na maioria das vezes é generalizada como irresponsável, inconsequente, sem escrúpulos, um perigo eminente pra sociedade, Cerqueira afirma isso:

O paradigma que vincula juventude à problema social identifica as “patologias” juvenis aos próprios jovens e, portanto, as ações das políticas embasadas neste paradigma visam atingir aos jovens, ignorando o contexto. A ênfase no controle favorece a estigmatização da juventude, atrelando-a a aspectos negativos. Importante ainda ressaltar que o objetivo é proteger a sociedade dos problemas causados pelos jovens, sobretudo os das classes populares, já que estes estão vinculados à idéia de risco e transgressão. Os jovens ganham visibilidade, então, a partir do medo que sentimos deles” (CERQUEIRA, 2010, p. 50).

A juventude pode ser vista como uma fase de transição, como um momento dramático e específico de socialização e integração, onde o jovem passa a ser protagonista, pronto para



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

assumir e desempenhar o seu papel de sujeito. Deste modo, a juventude se caracteriza, sobretudo, pela busca de outros modelos, outros estilos, diferentes dos que têm em casa, pelas experimentações desafiadoras, pela busca do prazer.

O ingresso na juventude requer a saída do ambiente familiar cercado de proteção, o conhecer e questionar outros valores desconhecidos, a inserção em novos círculos de convivência e a adoção de novos empreendimentos, novas culturas. Um componente das tensões da juventude se expressa na equação que opõe os obstáculos ao crescimento aos anseios de liberdade. Essas tensões não se definem com base na experiência isolada. Bôas (2004), diz que ao tomar por base a premissa segundo a qual o sujeito se constitui no social, buscamos compreender os elementos que constituem suas identidades coletivas com base na noção de representações sociais, entendidas como manifestações de grupo ou como valores compartilhados e sempre sujeitos à alteração, reestruturação e mudança. Dessa forma, ao manter contato com acontecimentos que considerava fora do seu ambiente diário, inicia-se um processo de mudanças, considerando um fato importante que a juventude é vista como uma fase de transições, da construção de personalidade, e a descoberta de novas culturas, hábitos, habilidades, opiniões ocultas proporcionado pela dimensão das Tecnologias da Informação e Comunicação em tempo real, bagunça suas certezas e por vezes mergulham num mar de dúvidas, facilitando o declínio de suas vidas.

Levando em consideração que não se deve generalizar as situações, é percebido que muitos jovens e adolescentes que se envolvem com o mundo das drogas, geralmente não tem uma relação aberta e de amizade com seus familiares. Isso não tem nada a ver com maus tratos e nem com falta de amor, mas sim, pela falta de tempo dos pais para se dedicarem a conversar e estreitar os laços com os filhos, e esse fato faz com que os mesmos procurem amizades que os levam a usar drogas e conseqüentemente comportamentos que não condizem com a vontade dos pais. (NASCIMENTO, 2013, p. 32).

Nascimento (2013), diz que ao sugerir uma reflexão sobre a família como agente fundamental na educação do ser humano, constata-se que é trabalho primordial tanto dos pais, como também dos educadores a missão de transformar uma criança imatura em cidadão maduro, participativo, comunicativo, com atuação consciente de seus deveres e direitos. Pois, para que este ser em processo de desenvolvimento seja futuramente um cidadão de bem, em posse dessas qualidades ele deve espelhar-se em indivíduos que também retenham esses predicados.

Para Dayrell (2003) a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, ela assume sua importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona.

Peralva (1997) ressalta que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas. E tais mudanças se não acompanhadas pelos pais, pode direcioná-los a caminhos nebulosos e turbulentos como a dimensão das drogas.

As drogas destroçam os jovens transformando-os em dependentes de seu próprio vício, chegando a um estado de paralisia sem qualquer chance de organização consciente para enfrentar a opressão da sociedade de classes. Hoje existem milhares de jovens que por conta das drogas se tornaram seres quase sem relações sociais, que muitas vezes chega a um estado praticamente vegetativo, totalmente enfermo (RAMINEZ, 2014, p.45).

Tais substâncias podem ser estimulantes, depressivas ou perturbadoras do sistema nervoso central, o que perceptivelmente altera em grande escala o organismo.

Ao se pensar sobre o futuro da juventude brasileira, será difícil que ela não seja vista desde uma posição de desencanto e desamparo, uma vez que os vários aspectos analisados delineiam um destino sombrio. “A forma como se aborda o jovem e se propõe a assunção da responsabilidade sobre seus atos fará toda a diferença. Tomar os jovens como sujeito não se reduz a uma opção teórica, diz respeito a uma postura metodológica e ética (DAYRELL, 2003)”. Significa dizer que não são apenas objetos de estudo, mais pessoas que constroem e estão inseridas numa teia de relações que deve ser considerado e analisado de forma coerente e responsável para que de fato se compreenda seu jeito de *ser jovem*.

Para desenvolver tal reflexão optamos por entrevistar 8 jovens, dentre eles: *jovens usuários* de drogas, *jovens que deixaram de usar* drogas e *jovens que nunca usaram* drogas, para favorecer uma melhor compreensão referente a realidade que estão inseridos, considerando de forma clara todos os fatores que influenciam nas relações do seu cotidiano. Tais jovens expressam experiências diferentes quanto a sua vida diária, revelando seu universo próprio, cheio de particularidades, vontades, rotinas, relações, que nos proporciona um entendimento claro de como funciona seu mundo particular.

Os três jovens usuários de drogas tem 17, 18 e 19 anos, de sexo masculino e são de famílias carentes da periferia de um município do interior do estado do Maranhão, moram com suas famílias compreendidas no conceito de desestrutura familiar. Dependem da renda do Programa Bolsa Família e da aposentadoria de seus avós, sendo que eles não contribuem de nenhuma forma nas despesas da casa. Possuem



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

relacionamentos conturbados com seus familiares decorrente dos efeitos do uso das drogas.

Em seus relatos, ao perguntarmos sua opinião sobre *o que é ser jovem*, um deles responde:

Usuário de 19 anos:

Ser jovem? Eu acho que é não pensar ter tanta responsabilidade como adulto, mas também não ser tão infantil quanto uma criança... (Rafael)

Ao analisar os relatos dos demais, expostos aqui com nomes fictícios, identificamos que os mesmos não estudam há algum tempo, devido ao uso das drogas influenciados por “amigos”. Tal escolha os remete a fechar-se no seu mundo, por medo do preconceito proveniente da incompreensão da sociedade. Desta forma o isolamento é sua única opção, alienando sua vida abstrata, que os afasta do seu âmbito familiar e convívio sociocultural.

Não possuem trabalho remunerado, e a princípio sustentam seu vício através do dinheiro da família, caso contrário e é a realidade da maioria dos jovens, furtam objetos da casa em que habitam, em troca de pequenas quantidades de substâncias psicoativas.

O uso das drogas provocam efeitos violentos para si próprio, levando a comportamentos suicidas que afetam todas as pessoas que estão a sua volta.

Tontura na cabeça que é ruim. (Marcos)

Rapaz tem uma maldita ai que deixa o cara bacana, eu já sou acostumado que eu só como mais quando eu fumo ela. (João)

Da vontade de fumar cada vez mais. (Lucas)

Primeiramente, quando a pessoa usa droga, ela fica diferente, ela não fica normal e ela causa uma reação muito forte, ela te acelera e dependendo também como sua mente reage com a droga, ela te acelera, ela te faz enxergar coisas que não existe, se a pessoa fumar uma droga pensando numa coisa ruim pra ela ta vendo então ela te deixa muito diferente, ela te trava, e isso te prejudica muito, não te deixa normal e às vezes o coração acelera tanto que é capaz da gente sofrer um infarto, então os efeitos que ela causa é mais ou menos isso. (Mateus)

Não conseguiram se manter no ambiente escolar por conta de seus atos violentos e preconceitos imoderados que intimidavam, ao mesmo tempo que os instigava a agir inconsequentemente.

Sofrem preconceitos e exclusão por parte da sociedade em geral. Firmam suas certezas no seu mundo ilusório sem demonstrar interesse em saber ou até fazer parte do mundo constituído com realidades diferentes da sua. De acordo com seus relatos, seu único alvo é sustentar o seu vício inconstante, que tira sua consciência real firmando cada vez mais sua inserção no mundo imaginário da sua mente.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Alguns relatam que fizeram coisas dos quais se arrependem, no entanto, outro diz que jamais chegou a se arrepender do que fez, considerando que não especificaram qual foi o ato.

Sim, dois aí mais não podem citar. (João)

Não. (Mateus)

Ao perguntarmos para ambos se cultivavam o desejo de abandonar o vício, responderam:

Tenho não. (Lucas)

Sim. (Marcos)

Tinha vontade. Mais tem que caprichar. (Mateus)

Relataram que estabelecem um contato razoável com sua família e amigos, e que não almejam grandes sonhos. Não mostram interesse em estudar e arrumar trabalho. Se conformam com a vida que levam.

Para uma melhor compreensão do comportamento de tal grupo consideramos relatos de jovens que deixaram de usar drogas, e um outro lado da história contada por jovens que assistem esta realidade, mais precisamente, jovens que nunca usaram drogas. Os relatos dos jovens que deixaram de usar, nos ajuda a fazer uma comparação do antes e depois do uso das drogas, e identificar as mudanças positivas e negativas que ocorreram durante o processo de desapego. Contudo, foi entrevistado três pessoas para identificarmos as diferentes mudanças na vida de cada um, e compartilharam seus medos, sofrimentos, desejos e reações após abandonar o vício.

Fiquei livre, minha família me ajudou e os pessoal também, me recebe bem. (Aline).

É tipo, a mente, começava a pensar mais, ficava mais lento o movimento, me sentia mais alegre e tipo dependia das quantidades, cada vez mais, cada vez mais alegre, mais feliz, era uma sensação única, uma sensação boa demais. (Maiara).

A minha vida mudou muito pra melhor é claro, depois que eu parei, é por que quando a gente quer parar tem que ter muita força de vontade, eu até me emocionei, isso tem que ser forte, tem que pensar muito por que a droga ela prejudica a pessoa, ela só te bota pra baixo, por isso ela tem que tem que ter força de vontade, por que quando a pessoa ta usando isso parece que nada lá fora importa, nada interessa só as drogas, parece que as drogas são mais importantes, então quando a gente para, a gente ver um mundo totalmente diferente, a gente valoriza mais as coisas e ver o que a gente perdeu mais atrás, por que as drogas ela te faz perder amizades, as vezes até pessoas mais intimas se afastam por conta disso, então a droga me prejudicou muito, hoje eu trabalho, tenho meu emprego, viajei, aprendi a ser mais feliz, depois que larguei as drogas. (Luzia).



Ao se expressarem percebemos emoção no olhar e na forma de falar, pois toda sua trajetória nas drogas são experiências tristes que retratam bastante sofrimento para si e para os familiares. Falavam com imensa alegria das mudanças que transformaram suas vidas, o desejo que estava oculto se expressa e se realiza proporcionando-lhes a satisfação pessoal e social.

Tive mais amigos, família mais próxima, graças a Deus perdi mais inimigos, ganhei mais amigos, minha família hoje me apoia, parei de beber, parei de usar drogas, parei de ir a festas, parei de arrumar mais confusão, não parei totalmente mais parei, foi isso mais feliz, mais alegre e mais amigos de verdade. (Lucia)

Ao observarmos o relato dos que deixaram o vício, percebemos o sentimento de arrependimento pela perda dos amigos, do apoio e confiança da família, os anos perdidos fora da escola, as violências cometidas, a exclusão social, e sua aparência desfigurada, tudo isso provocado pelo tamanho espaço ocupado pelo uso excessivo das drogas em sua vida.

Também consideramos de suma importância as opiniões de jovens que nunca usaram drogas, a fim de saber qual seu conceito quanto aos jovens usuários de drogas e os mesmos contribuíram:

Bom, na minha opinião... Eu não sou contra e nem a favor, porque, tipo, eu tenho amigos que usam que são usuários, meu namorado também já foi. Então, nesse caso ele largou porque eu pedi, entendeu?! Foi difícil pra ele e está sendo, mas a gente tá também se juntando assim, a nossa turma e a gente tá tentando com que eles parem um pouco, entendeu?! Só que tipo, têm problemas muitas vezes na família, as influências. É difícil, só o amor próprio leva a gente a largar. (Marisa).

São opiniões proveniente de pessoas preocupadas com o futuro da juventude, com a genealogia desses jovens, e com as futuras gerações. Tudo isso contribui na estrutura da sociedade como todo, e é necessária uma rede integrada de instituições da sociedade como a família e a escola adequadas para romper com essa questão social, que a cada dia ganha mais espaço no universo da juventude. Como pontua Dayrell (2003, p. 42):

No contexto em que vivem qualquer instituição, por si só, seja a escola, o trabalho ou aquelas ligadas a cultura, pouco pode fazer se não estiver acompanhada de uma rede de sustentação mais ampla, com políticas públicas que garantam espaços e tempos para que os jovens possam se colocar de fato como sujeitos e cidadãos, com direito a viver plenamente a juventude.

Se Bourdieu (2003) reflete sobre a juventude e a escola tendo por base a classe social, Dayrell (2007) apesar de problematizar a relação entre juventude e escola pública e de periferia a construção social da juventude, seus



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

aspectos simbólicos, materiais, históricos e políticos são considerados nas dimensões sociais de classe, gênero, etnia. E é nesse sentido que Dayrell (2007, p. 1107) trabalha com o conceito de “condição juvenil”, em uma perspectiva da diversidade, que contempla tanto o modo como “uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida”.

Bourdieu (2003) declara que os jovens ao se tornarem estudantes a eles são impostas condições, modos de ser e se portar que condiga com as características escolares. Técnicas, saberes, comportamentos e aspirações são moldados pela instituição escolar e o sistema escolar compreendido como um instrumento de reprodução social. Dayrell (2007) embasado nas concepções de constituição heterogênea das disposições de Lahire (2002, 2005) debruça a análise sobre a compreensão da condição juvenil e como a escola pode ser pensada para atender as transformações e demandas da juventude.

Contudo, ressaltando as diferenças destas perspectivas, a juventude é compreendida como uma construção social, enquanto categoria sócio-histórica. Barbosa (2007) em dissertação sobre a sociabilidade de jovens em uma escola pública apresenta os riscos de certas concepções sobre juventude, como: (1) fase da vida marcada por crises que a configura como um problema; (2) período de transição entre a infância e a vida adulta, pois denota que os aspectos que a constituem devem ser necessariamente ultrapassados; e, (3) futuro e moratória, pois impede a compreensão da mesma como tempo presente e a restringe como tempo de preparação para algo além dela.

Ao ter a juventude como um conjunto não nos depreendemos das concepções de Lahire, sobretudo: (1) “de que o indivíduo é um fato a conquistar e a construir e não a ‘registrar’ como uma mera evidência” (LAHIRE, 2004, p. 326); e, (2) da concepção das variações intra-individuais de comportamento, na relação entre a pluralidade das disposições e de competências culturais incorporadas com a diversidade de contextos culturais. É nesse sentido que Dayrell (2007) também trabalha a noção de *condição juvenil* atravessada pela Sociologia da Experiência de Dubet (1994) e que se torna relevante para pensar a relação entre juventude e escola.

Para Dubet (1994) a noção de experiência implica três características: (1<sup>a</sup>) a heterogeneidade dos princípios culturais e sociais que organizam as condutas; (2<sup>a</sup>) a distância subjetiva que os indivíduos mantêm em relação ao sistema; e (3<sup>a</sup>) que a construção da experiência coletiva substitui a noção de alienação na análise sociológica.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

É possível considerar, contudo, uma dicotomização, na relação entre disposições e contextos, dos interesses e das projeções desses jovens quando perspectivas futuras e condições do presente se relacionam com a possibilidade da continuação dos estudos e a necessidade de trabalho. Essa dualidade é marcante no espaço escolar decorrente da situação sócio-econômica familiar, da estrutura e dinâmica familiar, dos outros espaços de socialização, da própria dinâmica educacional, da constituição de si em que, se acompanhada a trajetória desses alunos e percebem-se variações no percurso escolar.

É nessa conflitualidade que os jovens se percebem também enquanto alunos e que a escola atua nas tensões e empates da função da formação escolar e por isso dela mesma. A escola como uma instituição que forma para um futuro, configura-se como um lugar de perda de sentidos para estes jovens que não tem perspectivas de futuro, vivendo o *aqui e o agora*. É nessa concretude múltipla, plural, heterogênea e complexa de sentidos que é exercida a docência e que assim concordamos com Dayrell (2007) que se reverte também na percepção do aluno em relação ao professor e que este, então, necessita construir a sua legitimidade entre os jovens.

Contudo, se há um *transbordamento* das funções da escola no dizer de Nóvoa (2009), ou uma *inversão* no dizer de Libâneo (2012), em que Dayrell (2007) também pontua como *ampliação excessiva*, principalmente da escola pública, esse excesso, essa inversão ou esse transbordamento é tencionado entre a tentativa de inclusão e equidade e a perda do privilégio da formação subjetiva dos jovens que se compreendia na dualidade restrita entre família e escola. Contudo, a democratização da escola compreendida como um fator que provocou essa perda de identidade escolar deve também ser problematizada na relação com a heterogeneidade dos processos socializadores da juventude. E dessa forma, o uso de drogas pelos jovens pode ser compreendido como um aspecto da sua socialização, ressaltada sempre a concepção de juventudes. Assim, se a escola se realiza na relação com outros espaços de socialização, com outras redes de apoio, na estrutura social-cultural-econômica-política, compreendemos a necessidade de práticas que proporcionem a atribuição de sentidos por parte dos jovens. É necessário assim, conhecer a juventude por ela mesma para que a escola, como uma instituição formadora possa atuar conjuntamente com outras instituições e políticas públicas para a prevenção, o acompanhamento e a possibilidade da transformação da realidade desta juventude.

## CONCLUSÕES

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Dado o exposto, presenciamos um grupo da juventude que vive excluída da sociedade, que tem sua própria identidade, seus próprios hábitos, costumes diários, que delimitam seus passos fora da cultura oferecida pela comunidade na sua diversidade.

Olhando mais especificamente para a realidade incluindo a cidade pesquisada, afirmamos os dados de que 70% dos municípios do Maranhão são classificados em nível alto de problemas relacionados às drogas, baseado na pesquisa do mapa da CNM - Confederação Nacional dos Municípios. Nestes dados infelizmente estão inseridos os objetos da pesquisa, vítimas de preconceito, exclusão no meio social.

Em vista desta realidade nos deparamos com uma juventude a mercê das drogas, sem sonhos, temida, rejeitada e sem expectativas futuras. Tais elementos negativos restringem seu tempo de vida alienando sua jovialidade inconsciente, jogada a própria sorte. No espaço escolar a tensão entre perspectivas de futuro e sentidos do porque aprender, ao mesmo tempo em que a mesma dependendo do seu olhar pode configurar-se como um meio de transformação. Entretanto, analisando os relatos dos que deixaram o vício, identifica-se o desejo de mudança oculto, que pode vir a emergir e tornar possível as transformações, resgatando sua imagem física e psicológica, assumindo sua verdadeira identidade que a princípio estava adormecida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Daniele de Souza. **“Tamo junto e misturado!”**: um estudo sobre a sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública. 2007, p. 191. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BÔAS, Lúcia Pintor Santiso Villas. Teoria das representações sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana. **Psicologia da Educação**. n.19 São Paulo dez. 2004. Disponível em:  
<[http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141469752004000200008](http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141469752004000200008)>. Acesso em: 20 de Maio de 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica - DCN**. Brasília, 2013. Disponível em:  
<[file:///C:/Users/Joana/Downloads/diretrizes\\_curriculares\\_nacionais\\_2013%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Joana/Downloads/diretrizes_curriculares_nacionais_2013%20(3).pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2014.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Brasília, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 18 mar. 2012

CERQUEIRA, Fabíola dos Santos. **Juventude e problemas sociais**. Disponível em: <<http://www.csocerqueira.blogspot.com.br/2010/03/juventudes-e-problemas-sociais.html>>. Acesso em 09 Jun. 2016.

DAYRELL, Juarez. (2003) O jovem como sujeito social. Rev. **Brasileira de Educação**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em 20 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 11 nov. 2015.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**, Sociologia da experiência. Lisboa : Instituto Piaget, 1994

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 78, abril 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a04v2378.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Retratos Sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/aop323.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

NASCIMENTO, Roseane Rodrigues. Consumo de drogas na adolescência. **Psicologado**. Blog. Disponível em: <<http://www.psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/consumo-de-drogas-na-adolescencia>>. Acesso em: 28 maio 2016.

PERALVA, Angelina. **Violência e Democracia, o paradoxo brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

NÓVOA, António. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

RAMINEZ, Fábio. DROGAS: Instrumento de destruição da juventude e pilar de sustentação do capitalismo. **Esquerda Marxista**. Blog. Disponível em: <<http://www.marxismo.org.br/content/drogas-instrumento-de-destruicao-da-juventude-e-pilar-de-sustentacao-do-capitalismo>>. Acesso em: 15 de Maio de 2016.